

LIVRE COMÉRCIO

Investidor americano quer ver mais avanços em regulação, diz William Lash (foto) F4

**VALOR ECONÔMICO**

10 NOV 2003

Economia Brasil

Foco no crescimento

O ano de 2004 começa embalado pelo bom final de 2003. A recuperação será lenta, mas puxada pelo consumo interno.

A queda de juros e o fim da corrosão da renda real, abrem espaço para os bens duráveis, que serão a vedete do próximo ano. A agricultura, contudo, não pretende deixar todos os louros para a indústria e já se prepara para mais uma safra recorde. Os riscos, contudo, existem.

O ano de 2003 acabou. Oficialmente, 2004 começa dia 1º de janeiro próximo. Para a economia, já começou. E as notícias são boas. Junto com a primavera, veio o fim da recessão, a redução dos estoques, a retomada do consumo (lenta, porém consistente), a inadimplência contida, a interrupção das perdas salariais, tímidos — porém importantes — sinais de investimento e inflação sobre absoluto controle.

Esse cenário de recuperação sem excessos indica que o primeiro trimestre de 2004 será marcado por encomendas à indústria para recomposição de estoques no varejo. O fim de 2003 está garantindo, portanto, um bom começo de ano novo.

Para debater as perspectivas para o próximo ano, a Câmara Americana de Comércio (Amcham/SP) e o Valor Econômico promovem hoje, a partir das 8h30, no Amcham Expo Center, em São Paulo, o seminário "Business Round-up 2004", que reunirá líderes empresariais e analistas econômicos.

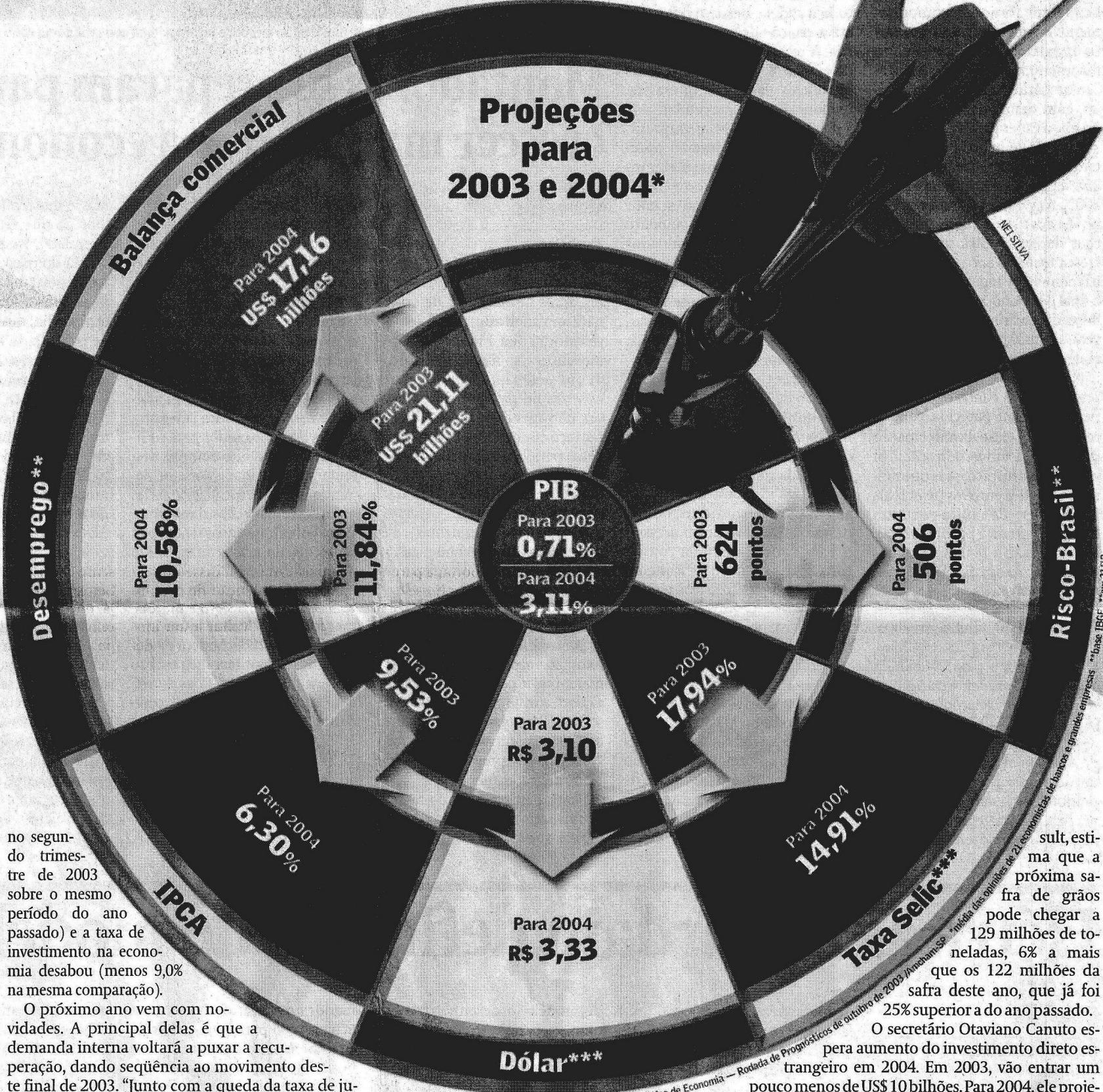
O cenário do início de 2004 ficou mais claro com a divulgação da inflação de outubro medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA), índice que guia o sistema de metas de inflação. A alta foi de 0,29% e a análise dos números revela um núcleo comportado. Outros dados que trouxeram tranquilidade foram a produção industrial de setembro e a balança comercial de outubro. A produção de bens de capital aumentou 8% em setembro e a importação de máquinas e equipamentos, em outubro, foi 31% superior a de outubro de 2002.

"O crescimento do nível de atividade não está sendo impulsionado, apenas, pelo consumo, mas também pelo investimento. Isso afasta receios para a condução da política monetária e traz bons sinais para 2004", observa o economista Juan Jensen, da Tendências Consultoria.

Inflação controlada e crescimento homogêneo abrem espaço para cortes adicionais na taxa de juros. O economista Alexandre Póvoa, do banco Modal, aposta em mais dois cortes de um ponto percentual até o fim do ano. A taxa Selic chegaria a 31 de dezembro em 17%. A mesma aposta é feita pelo Departamento Econômico do Citibank. Depois de mais dois cortes de 100 pontos em novembro e dezembro, a taxa Selic deve seguir com cortes mais graduais em 2004 até fechar o próximo ano em 14%, estima o economista-chefe do Citi, Carlos Kwall.

Na média das projeções captadas pela Câmara Americana de Comércio (Amcham), os analistas esperam crescimento de 3,1% no Produto Interno Bruto (PIB) de 2004. Nos últimos dois anos, o país cresceu míseros 1,5% e este ano as previsões apontam para um percentual de 0,7%.

Parte expressiva do crescimento de 2003 veio da agricultura e das exportações (estas com crescimento superior a 20% no acumulado até outubro sobre igual período de 2002). O consumo das famílias caiu (fortes 7,0%



no segundo trimestre de 2003 sobre o mesmo período do ano passado) e a taxa de investimento na economia desabou (menos 9,0% na mesma comparação).

O próximo ano vem com novidades. A principal delas é que a demanda interna voltará a puxar a recuperação, dando sequência ao movimento desse final de 2003. "Junto com a queda da taxa de juros vem o alongamento dos prazos de pagamento. Isso abre espaço para o aumento do consumo via crédito", diz José Roberto Mendonça de Barros, sócio da MB Associados. "Mas a recuperação será lenta", diz ele. Para o ex-secretário executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), o país cresce entre 3% e 3,5% no próximo ano.

Na avaliação de Kawall, do Citi, a reação maior da economia, em 2004, virá dos setores mais sensíveis à taxa de juros. "Em um primeiro momento, a expansão será liderada pelos bens duráveis, tanto eletroeletrônicos como automóveis", avalia o economista-chefe do Citibank. A instituição projeta um crescimento de 3,5% em 2004.

A taxa de 3,5% também é a previsão oficial para o próximo ano. Mas o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto, chama a atenção para os sinais de que o crescimento mundial será superior ao previsto. O dinamismo dos EUA surpreendeu com a alta de 7,2% no PIB do terceiro trimestre e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), diz ele, vai revisar para cima a previsão atual de crescimento de 3% para as economias desenvolvidas em 2004. "Um crescimento mundial mais forte, ajuda as exportações brasileiras e podemos ter um ritmo superior aos 3,5% previstos", diz Canuto.

O governo conta, ainda, com a manutenção de boas vendas para a Argentina e para os novos mercados conquistados em 2003. Nas previsões do ministro do Desenvolvimento Industrial e Comércio (MDIC), Luiz Fernando Furlan, as exportações cresceriam 10% no próximo ano.

Em 2004, a indústria volta a liderar o crescimento econômico, prevê a LCA Consultores. O PIB industrial pode crescer 4,9% ante uma projeção de 3,3% para o comportamento do PIB total. Um resultado mais próximo de 4% não é descartado por Francisco Pessoa Faria Jr, economista da LCA. "Se o câmbio estivesse um pouco mais depreciado, eu ficaria mais tranquilo", diz ele. Abaixo de R\$ 3, argumenta, o câmbio pode desestimular exportações e estimular importações.

O início da retomada na indústria, diz Mendonça

CENÁRIOS

Fonte: Grupo Estratégico de Economia - Rodada de Prognósticos de outubro de 2003 Amcham SP *média das opiniões de 21 economistas de bancos e grandes empresas **IBGE ***IBGE *em 3/12

de Barros, se dará com ocupação da capacidade já instalada. Isso significa índices baixos de investimento. Para 2003, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) prevê uma taxa de apenas 17% do PIB. Baixíssima para um país que precisa de 25%. "E o investimento está muito concentrado em agrobusiness, mísérios, e petróleo e gás", pondera o diretor da MB.

A melhora de 2004 será lenta, insiste Mendonça de Barros. A queda na renda e o aumento do desemprego foram muito fortes. Pelos últimos dados do IBGE, o desemprego alcançou 12,9% da população economicamente ativa em setembro e o rendimento médio caiu 2,4% em relação a agosto. Na comparação com setembro de 2002, a queda foi de 14,6%, com perda mais expressiva para os trabalhadores por conta própria, que tiveram redução real de 19,8% no rendimento na comparação com mesmo mês do ano anterior.

Muitas categorias profissionais estão respondendo às perdas salariais neste fim de ano. Metalúrgicos, químicos, papeleiros, petroleiros, entre outras categorias que juntas somam mais de 1 milhão de assalariados, terminam o ano com reajustes entre 15% e 18%. A perda salarial, para esses trabalhadores, ficou para trás. Para a frente, eles têm uma inflação estimada em 6%.

"Os informais já representam 50% dos ocupados e estes não conseguem recompor a renda como fazem os trabalhadores do setor formal", observa Mendonça de Barros, minimizando o efeito dos dissídios do segundo semestre sobre a renda da população e seu poder de compra. "Além da queda brutal na renda, a confiança dos consumidores está abalada, o que também restringe a demanda", observa Kawall.

A LCA Consultores estima que a massa real de rendimentos vai encerrar 2003 com queda de 5,6% (resultante de uma expansão de 2% da ocupação e uma queda de 7,5% da renda real). Para 2004, a massa cresce 4,4% com recuperação de 1,9% do rendimento médio real e de 2,5% da ocupação.

Em 2004, a agricultura vai dar sua contribuição, de novo. As previsões apontam para mais uma safra recorde. O economista André Pessôa, da Agrocon-

sult, estima que a próxima safra de grãos pode chegar a 129 milhões de toneladas, 6% a mais que os 122 milhões da safra deste ano, que já foi 25% superior a do ano passado. O secretário Otaviano Canuto espera aumento do investimento direto estrangeiro em 2004. Em 2003, vão entrar um pouco menos de US\$ 10 bilhões. Para 2004, ele projeta um valor entre US\$ 13 bilhões e US\$ 15 bilhões. O Citibank também trabalha com um ingresso de US\$ 15 bilhões e a LCA Consultores projeta US\$ 14 bilhões. Mendonça de Barros condiciona o apetite dos investidores estrangeiros às regras para os setores de infra-estrutura, especialmente energia elétrica.

A incerteza quanto ao marco regulatório para diversos segmentos (energia elétrica, saneamento básico, concessões rodoviárias, telecomunicações etc.) é um dos principais entraves ao aumento do investimento privado, especialmente em infra-estrutura. Na análise da Tendências Consultoria, essas incertezas contribuem para limitar o potencial de crescimento da economia brasileira.

Depois do baixo crescimento de 2001, 2002 e 2003, o Brasil chega a 2004 com um cenário macroeconômico interno e externo extremamente favorável. O risco-país baixou ao longo deste ano, e os investidores externos começaram a olhar, de novo, para o Brasil. O país cumpriu o superávit primário de 4,25% do PIB, renovou o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a inflação foi controlada.

Os riscos? Existem. Um deles é, mais uma vez, externo. A economia americana pode acelerar um pouco demais. Isso pode levar o Federal Reserve a elevar os juros. "A grande pergunta, hoje, é quando vem a alta de juros nos Estados Unidos", observa o economista-chefe do Citibank. Nas projeções da instituição, ela não vem nos próximos 12 meses.

Internamente, há dois riscos principais. Um deles se chama câmbio. A maioria dos analistas apostava em um saldo comercial ainda bastante expressivo em 2004 (US\$ 17 bilhões nos prognósticos recolhidos pela Amcham). Mas na verdade, ninguém consegue saber, de fato, como exportações e importações se comportarão quando a economia entrar em uma rota consistente de crescimento.

O segundo risco interno é regulação. A falta de investimentos em infra-estrutura pode comprometer, a partir de 2005, a oferta de energia e o escoamento da safra agrícola pela má conservação de rodovias.

Denise Neumann, de São Paulo